ANNO V — SABADO, 28 DE MAIO DE 1921 — NUM. 119

> Os operarios devem ir se acostumando a contar mais com suas proprias forças do que na ajuda do Estado ou de suas instituições.
> JOHN BURNS

A PLEBE

> Os poderes constituidos rir-se-hão da vontade popular emquanto ella se manifestar dentro dos limites da lei. GUESDE

Correspondencia para a administração endereçada a RODOLPHO FELIPE — Caixa Postal, 195 — São Paulo

A signaturas: Ano . . . 10$000 — Semestre . . . 5$000 — Numero Avulso 100 reis
Pacotes: Cada 1? exemplares 1$000

Correspondencia para a redação endereçada a Redação de "A Plebe" — Rua da Constituição, 12 — Rio de Janeiro

A FARÇA QUADRIENNAL

O governo Epitacio dobrou apenas a metade ultima do seu tempo constitucional, e já os senhores da Republica entram de cheio na trama dos conchavos para nomeação do futuro Presidente. Ferviha o lodaçal da politicalha, fermentando intrigas e cambalachos, eruptindo infamias e miserias sem fim. E' a repetição, com todos os matadores, da mesma farça representada de quatro em quatro annos no palco da feira democratica. Nada de novo agora. Os mesmos scenarios, os mesmos clowns, os mesmos vilões. As mesmissimas torpezas por traz dos mesmissimos bastidores.

Pouco nos importa a nós saber quem vai substituir Epitacio. Qualquer que elle seja, venha de onde vier, será um Presidente de Republica semelhante aos epitacios, wenceslaus e hermes anteriores. Chefe quatriennal da sujissima politicalha republicana. Manda-chuva supremo do cezarismo de barrete phrygio. Braço executivo da plutocracia dominante. Para as classes trabalhadoras, seja elle quem fôr, Fulano, Beltrano ou Cicrano, será sempre, por sua propria natureza e sua propria funcção, o inimigo. Inimigo fatal, pois que Magistrado-mór do regimen capitalistico de espoliação e oppressão sobre as classes trabalhadoras.

Falo em trabalhadores num sentido generico de classe. Porque, individualmente, muitos serão os ingenuos que ainda uma vez alimentem illusões. Quando se deu a escolha de Epitacio, muitos operarios afagaram calidas illusões, que os pescadores de aguas turvas animavam e insuflavam. Estes hypocritas e falsos, apresentavam Epitacio como o homem providencial, que acabava de examinar e palpar de perto, na Europa, a questão social, o unico portanto capaz de *resolver* no Brasil a questão social... Como si a solução da questão social pudesse resultar da vontade de um homem! Outros, da mesma laia, endeosavam Ruy, rival de Epitacio, como o genio omnisciente capaz de resolver não só a questão social, mas todas as questões humanas e divinas que o enfrentassem. E atraz dos pescadores de aguas turvas de um e outro lado muitos trabalhadores seguiam, ingenuos e esperançados, esperando do alto aquillo que elles proprios devem e podem conquistar, cá de baixo... Nós outros, em conferencias e jornaes, nós, fomos os unicos que dissemos as verdades, sem illusões nem hypocrisias. Para nós tanto valia Ruy como Epitacio. Fomos contra ambos e contra todos os endeosadores de ambos. Epitacio subiu ao poder. O que tem sido seu governo, em relação ás classes trabalhadoras, é o que não podia deixar de ser: governo de tyrannia capitalistica. Ruy seria a mesmissima cousa. Bernardes ou outro qualquer, que venha substituir Epitacio, será tal e qual. Os ingenuos que esperem, e depois conversaremos...

O regimen actual é o regimen de predominio das classes capitalistas. Naturalmente, pois, qualquer presidente de Republica será apenas o chefe de um governo da classe capitalista, — portanto inevitavelmente, de oppressão sobre a classe proletaria. Mesmo que o individuo guindado á Presidencia seja um homem de optimas intenções e melhor vontade, ainda assim seu governo será, para o proletario, um governo de usurpação e tyrannia. E' que o mal reside no regimen, no organismo, na engrenagem, e não propriamente na vontade pessoal dos individuos em cujas mãos se collocaram as redeas do poder. Por isso, logicos e coherentes, dizemos não nos importar quem venha a ser o substituto de Epitacio. Isso é cousa de interesse apenas para as camarilhas politicantes. O que no interessa é o regimen. Estamos convencidos de que a questão social é uma questão fundamental de regimen. Por consequencia, entendemos que o proletariado deve esperar sua libertação, não de tal ou qual Fulano, mas de uma preliminar transformação do regimen. O futuro — que desejamos proximo — dirá si temos ou si não temos razão.

ASTROJILDO PEREIRA.

Parece coisa fóra de duvida, o exito alcançado pelas feiras livres. Ora, o facto merece um commentario:

Esse exito repousa no seguinte: os generos vendidos nas feiras livres o são por preços mais commodos que nos armazens, mercearias e quitandas ordinarias. Mas por que?

Por tres motivos: a suppressão de dois ou tres intermediarios, a reducção de 50 o/o nos fretes e o não pagamento de licenças ou impostos por parte dos vendedores.

Diante deste resultado, uma pergunta surge, desde logo: por que não generalizar e tornar permanente essas medidas?

Supprimam-se todos os intermediarios — parasitas improductivos — entre o productor e o cousumidor; reduzam-se a um minimo razoavel os fretes dos transportes ferroviarios, maritimos, fluviaes e outros; acabem-se de vez todos os impostos e licenças custeadores da parasitagem burocratica. . . . Logicamente, necessariamente, o custo da vida ha de tornar-se facil e possivel ao povo.

Mas nada disso se fará. Nem mais razão de ser, nem onde apoiar-se seria então o governo burguez. . . que evidentemente não pretende suicidar-se. Si elle toma essas meias medidas, fal-o por tactica, creando dessa forma um para-choques de defeza contra o desespero que a miseria gostuma gerar..

Entretanto, é o proprio governo quem dá o exemplo de como pode a vida do povo melhorar. Saiba o povo seguir o exemplo e completar aquellas meias medidas, si quer a vida melhor!

Os famosos processos de expulsão da policia paulista

A policia paulista, prepotente e feroz, ha-de estar nesta hora de queixo a banda. São bastante conhecidos os seus processos torpes de repressão e vandalismo postos á prova nestes ultimos tempos contra os trabalhadores organizados que têm ideaes e pensam, differentemente, ao contrario da famosa disciplina e ordem burguezas.

A capital de S. Paulo, tem, pois, sido o foco por excellencia, da reacção deslavada e perversa do capitalismo ventrudo e politiqueiro, onde os militantes do movimento operario a cada passo se vêm tolhidos na sua liberdade de reunião ou de palavra ou mettidos continuamente na enxovia, a purgar a audacia e a intrepidez das manifestações revolucionarias.

Entre as recentes victimas da prepotencia burgueza se acha o nosso companheiro Manoel Campos que foi preso, em S. Paulo, no dia 24 de Dezembro do anno passado por occasião da greve das Docas de Santos. Conduzido para o celebrisado posto inquisitorial de Villa Mathias, Manoel Campos soffreu todos os horrores di s nh ibrauin sea.

Não se contentaram os reguletes paulistas em sevicial-o; arranjaram um processo de expulsão a troche-moche com testemunhas falsas como é de praxe nos casos em que se trata de afastar os militantes da campanha emancipadora do proletariado.

Expulso Manoel Campos foi impetrado em seu favor uma ordem de habeas-corpus ao Superior Tribunal de Justiça de S. Paulo, que se considerou incompetente para resolver o pedido porque a policia informou ter sido decretada já a expulsão do paciente pelo ministro da justiça.

Recorreu-se, então ao Supremo Tribunal Federal que em sua reunião de 16 de Maio resolveu dar provimento ao habeas-corpus.

Com esse resultado ficou sufficientemente provada a inominavel violencia de que foi victima o nosso companheiro e desmascarados os processos vis e capciosos da policia paulista no seu velo reaccionario contra os trabalhadores independentes.

DEPOIS DA CONVENÇÃO...

—Como é, Chico, não votas, então, no Arthur Bernardes?

—Qué! Qual Bernardes, qual nada! Commigo, "seu" Simplicio é no duro. . . Esses pelintras hão de «cavar» aqui na serra...

PELA REORGANISAÇÃO PROLETARIA

Uma importante reunião de militantes realizou-se, quinta-feira da semana passada na séde de uma das nossas associações de classe, para tratar da reorganização operaria.

Estava presente o camarada Edgard Leuenroth, de S. Paulo, o qual abriu os debates, dando antes amplas explicações a respeito do funccionamento precario da Commissão Executiva do 3º Congresso, de que é secretario geral.

Motivos varios, sabidos de todos e independentes da vontade dos membros dessa commissão, se hão anteposto á continuidade de seus trabalhos perturbando os mesmo, por assim dizer, annulando-os.

Além desses motivos de ordem extranha, outros ha, porém, que mais decisivamente dão causa ao precario desenvolvimento da acção da Commissão Executiva, — motivos de ordem intima e propriamente funccional: a incomprehensão geral, nos meios obreiros do Brazil, de seu papel e seus fins.

Devemos ter a coragem de o dizer francamente: a C. E. falhou.

Nesse ponto Edgard entra mais a fundo na questão, examinando as causas do desmantelamento geral da organização operaria.

Erro de principios? Não. Os principios mantém-se de pé integralmente. Erro organico, insufficiencia de meios.

E' evidente que a reacção policial, exercida pelo arbitrio mais brutal e deslavado, tem contribuido, em grande parte, para o enfraquecimento actual da organização. Mas tambem temos de reconhecer que insufficientissima tem sido a resistencia da organização contra a reacção. E porque isso? Falha da propria organização, erro especifico da propria organização.

Ora, chegados a esta conclusão, ditada por annos inteiros de experiencia é de preliminar bom senso, no estudo do problema da organização, procurar e buscar novos meios, novos methodos novos systemas.

Chegamos, assim, á opportunidade de se tentar, entre nós, o que se vai fazendo mais ou menos por toda a parte: a organização unica.

Dois caminhos, aliás convergentes, poderemos enfrentar: a organização geral unica e o syndicato unico e nacional da industria.

Edgard cita o exemplo de Hespanha, de Portugal, dos Estados Unidos, etc. demorando-se em considerações sobre o movimento nesses paizes.

Em seguida, o camarada Elias faz uma longa critica dos defeitos e falhas da organização tal como a temos entre nós.

Mostra como um organismo federal é absolutamente incomprehendido. A Federação é um corpo á parte, uma entidade estranha aos syndicatos, uma coisa que «sociedade co-irmã». Ninguem comprehende que a Federação *federa*, agrupa num só organismo os varios syndicatos ou associações de classe. Dahi, dessa incomprehensão total, o fracasso sempre renovado do systema federativo, corpo inarticulado e sem vida.

Elias borda ainda opportunos commentarios e considerações em torno do assumpto, prendendo o auditorio durante uma hora. Seria difficil resumir fielmente sua exposição penetrante e definitiva.

Como Edgard, reclamou elle a applicação, em nosso meio, de novas normas de organização, mais adaptaveis e consentaneas com o ambiente brazileiro e ao mesmo tempo mais aptas a corresponderem ás aspirações libertarias do proletariado.

Depois de Elias, o camarada Astrojildo faz uma exposição documentada do que é a organização norte-americana dos Trabalhadores Industriaes do Mundo, lendo trechos de uma recente publicação sobre os principios, methodos e objectivos dessa poderosa organização. (Aos camaradas recommendamos a leitura dessa publicação que "A Vanguarda", de S. Paulo está reproduzindo).

Os trabalhadores Industriaes do Mundo (I. W. W.) formam uma unica grande união de todos os trabalhadores, com um unico secretariado, um unico fundo de propaganda, um unico centro de coordenação.

E' a grande união dos trabalhadores concretizando o velho lema: um por todos, todos por um.

Para as questões technicas e profissionaes, os I. W. W. se dividem e subdividem em departamentos e uniões industriaes, aliás sem limites de fronteiras, nacionaes ou internacionaes.

Reforçando as palavras de Edgard e Elias, Astrojildo concita os camaradas presentes ao estudo dos methodos adoptados pelos Trabalhadores Industriaes do Mundo. Os camaradas que desejarem publicações e informações sobre a materia, poderão dirigir-se ao jornal "Solidariedad", que é o orgam em lingua hespanhola dos I. W. W., cujo bureau de publicidade tem o seguinte endereço: 1001 West Madison St., Chicago, Illinois (W. S. A.)

Lembra ainda a possibilidade de, entre nós, tentar-se essa nova forma de organização, começando-se simultaneamente por dois caminhos convergentes: a organização geral e unica nas cidades onde isso for desde já possivel, e a organização unica, nacional, de determinados ramos de industria.

Este ultimo trabalho, melhor que qualquer outro organismo, poderá iniciar-o a União dos Operarios em Fabricas de Tecidos, que em parte já esteve assim formada. E' só questão de estender a organização a todo o paiz, formando uma poderosa União Industrial de todos os trabalhadores em tecidos do Brazil.

A reunião deixou optima impressão em todos aquelles que se interessam pela obra immensa de reorganização de nossas forças.

Este é o nosso programa: recusamos todas as ficções legaes, e nos consagramos a uma acção permanente de propaganda, de organização, de resistencia, até ao dia da Revolução social. — SCHWITZGUEBEL.

A solidariedade entre o trabalhador e o público

A sua dupla qualidade de productor salariado e de consumidor desprovido de reservas leva o operario a repor nos cofres patronaes, com a alta do custo da vida, o que porventura tenha alcançado em augmento de salario — e mesmo mais do que isso, porque o dono das coisas aproveita sempre a opportunidade dum encarecimento da mão de obra para justificar as suas extorções e arrancar ao publico muito mais que o cedeu ao trabalhador. E quanto mais rapidamente e generalizado movimento pela conquista de melhor salario — al ás forçado por um encarecimento anterior das coisas e serviços necessarios — mais rapido e sensivel é o agravamento da carestia da vida.

Certamente, as coisas não se passam em regra com essa simplicidade — mesmo pondo de parte a resistencia dos operarios, quer como consumidores quer como productores.

A alta dos salarios com effeito, produz de per si uma aceleração e intensificação da industria, porque o patronato do que foi obrigado a abandonar ao salariado, em dinheiro ou horas de trabalho, tende a refazer-se concentrando e simplificando a producção, aperfeiçoando os processos technicos e desenvolvendo a machinaria e o material productivo. E essa intensificação é favorecida ainda pelo melhoramento de condições do salariado, é, pela intensificação do consumo.

Mas para que isso seja inteiramente verdade é preciso que o augmento de salario não se dê ao mesmo tempo em todas as categorias operarias e sobretudo que a situação seja normal, daquella normalidade possivel num systema que, para substituir, necessita sempre mais ou menos de limitar a producção e refazer o producto.

Em epocas de crise profunda como a actual, quando, pela extrema escassez de productos e de concorrencia entre capitalistas, o consumidor se vê inteiramente á mercê do traficante e do açambarcador, quando o apretechamento e renovação da industria encontram, na falta de combustivel de materias primas, e de inumeros obstaculos consideraveis, que o patronato tem, aliás interesse em proclamar invenciveis, para o effeito de prolongar uma situação de miseria em que se fazem fortunas rapidas e escandalosas, então os augmentos de salario, que seguem sempre de longe a elevação do custo da vida, para pouco mais servem do que para proporcionar ao patrão o pretexto, e o ensejo de arrancar, multiplicado, ao publico consumidor, o pouco que dera ao operario, descarregando ainda por cima sobre este ultimo o odioso do encarecimento constante de tudo!

Os meios que o operario tem de contrariar esta repercussão dolosa, que annulla os beneficios dos movimentos de salario e lança a divisão, a desconfiança e o desanimo no seio do povo trabalhador, são na verdade escassos e precarios. A acção cooperativa tem um ambito restricto e é de curto alcance.

Os movimentos de massa, as agitações da praça e de opinião, a greve geral, os assaltos, além de não se poderem manter indefinidamente, obtem effeitos pouco duradouros.

Resta a acção da propria categoria operaria que reclama o augmento do salario ou a reducção de horas. Tanto quanto em suas forças caiba e della dependa, cada corporação em luta deve procurar impedir que o patrão recupere do publico — isto é, da massa trabalhadora — a parte do seu lucro que teve de ceder. Isso devia mesmo constituir uma reclamação essencial de cada grève, absolutamente inseparavel da melhoria exigida. E em todo caso á corporação em vista cumpre com a maior retumbancia e publicidade documentar ante o publico a possibilidade que tem o patronato de ceder ás justas reclamações seu pessoal salariado sem novos encargos para o consumidor, e empenhar-se em afugentar de si a suspeita infamante de é um instrumento consciente ou inconsciente da ganancia patronal.

Infelizmente, a carencia duma educação syndical e duma solida consciencia de classe leva algumas corporações operarias, em oca organizada (quasi sempre á parte, porem), a um estreito egoismo corporativo, daquelles que não vem um palmo adeante do nariz, adeante do seu immediato interesse de cathegoria, separando-o do interesse de toda a massa trabalhadora e ás vezes confundindo-o, por aberração, com o do patrão, o da empreza, o do parasita da producção.

Esse [illegible] faz-se sentir [illegible] em [illegible] em que o [illegible] permanente com o publico — empregados no commercio, ferro-viarios, empregados de tramvias ou carris de ferro etc. etc. A hostilidade resultante dos [illegible] os devidos á confusão, por parte dos empregados e do publico, entre os interesses legitimos do serviço e os interesses parasitarios da empresa, aggrava-se extraordinariamente se os salariados, além de assumir arrogantes autoritarios e grosseiros, tomam a defesa dos interesses patronaes nas suas discussões com o publico, e se chegam ao destempero de reclamar o augmento do preço de venda ou das tarifas para obter melhor salario! Os damnos economicos e moraes assim causados ao povo trabalhador, á organização operaria e suas reivindicações são incalculaveis.

Para bem da emancipação operaria verdadeira urge combater esses erros nefastos, o isolamento e egoismos cooperativos, o desprezo dos interesses geraes da massa, os conflictos entre os productores e os consumidores — nocivos no presente e gravidos de ameaças para a organização social do futuro.

A idéa norteadora é que a propriedade do serviço e do seu material pertence legitimamente á communidade. A empresa, o patrão é o intruso, e contra ele e o seu lucro deve reverter a acção conjuncta e solidaria do productor e do consumidor. A propria corporação operaria, devendo ser a primeira competencia para a organização interna do seu trabalho e devendo tender a eliminar o accionista, o parasita, o alheio ao serviço, não é senão depositaria desse serviço, não tem senão uma delegação de funcção, dada pela collectividade. E com os legitimos interesses desta que se deve procurar harmonizar o interesse legitimo de cada cathegoria productora.

NENO VASCO.

O Partido Socialista Italiano, dominado pelos reformistas, segue o seu caminho logico.

Verdadeiramente revolucionario durante a guerra, obteve, nas eleições de novembro de 1919, um grande triumpho. Como era de esperar, o triumpho eleitoral quebrou-lhe os impetos revolucionarios, ou antes, desmascarou os seus chefes reformistas, cujo revolucionarismo de occasião era uma attitude puramente verbal.

Veiu depois o Congresso de Livorno. Scisão. Os communistas e revolucionarios sinceros abandonam o partido. Victoria de Turati, Treves, D'Aragona e companhia.

Novas eleições agora em maio. O partido consegue eleger perto 130 deputados, o que, em regimen parlamentarista constitue uma força respeitavel.

Logicamente, a situação se desenha cada vez mais nitida: é probabilissimo que o Partido Socialista Italiano, ponha tres ou quatro socialistas no ministerio Giolitti, collaborando assim, sob o patrocinio de S. M. o Rei Victor Manoel, na obra de salvação da burguezia italiana.

Amanhã, quando o proletariado italiano pegar em armas para atacar a burguezia inimiga, os ministros socialistas empregarão contra o proletariado italiano, os mesmissimos processos de repressão empregados contra o proletariado allemão, na Allemanha, pelos Ebert, Noske, Scheidemann. . . .

Os Turati, Treves, D'Aragona & Ca. não valem menos nem mais que os Ebert, Noske, Scheidemann & Ca.

Muitas [illegible] o não se [illegible] mais do que mudar de ladrões. — CHRISTINA, rainha da Suecia.

A PLEBE

Em virtude de combinação feita entre o grupo editor de *A Plebe*, de S. Paulo, e um grupo de camaradas do Rio, ficou decidido transferir para esta ultima cidade a publicação deste semanario, continuando, porém, á sua administração a cargo do mesmo grupo de S. Paulo.

Diminuimos-lhe um pouco o formato, mas pensamos, em compensação, publical-o **sempre** em quatro paginas.

Escusado é dizer que contamos com a ajuda constante de todos os camaradas, para que *A Plebe* se mantenha firme no seu posto de combate.

Entre nós

A feitura do jornal moderno se caracteriza pelo bluff. Titulos e sub-titulos enormes, espalhafatosos, abrangendo não raro toda uma pagina. Quasi sempre o assumpto desenvolvido sob tamanho espalhafato não vale dois minutos de attenção, quando não é coisa cheirando a mystificação, a falsidade grosseira, a suggestão embrutecedora. Um jornal burguez moderno é de regra uma papelada verdadeiramente ignobil. Negação completa do objectivo especifico do jornal, que é orientar, educar, informar. O jornal burguez desorienta e confunde tudo; estupidifica e perverte; mente e falsifica desavergonhadamente. De resto, isso é facil de comprehender: o jornal burguez não é uma tribuna de opinião e de combate, mas um balcão, uma empreza commercial, uma sociedade anonyma para exploração do escandalo e assalto ao cofre dos poderosos. O pesquizador paciente e honesto, que um dia escreva a historia intima do jornalismo burguez, terá revelado aos olhos das gerações uma das mais torpes e sujas abjecções de nossa época.

Ora, um jornal proletario, por sua mesma natureza originaria e finalistica, em nada poderá assemelhar-se ao jornal burguez. Nem mesmo na apparencia. O bluff descarado não pode ter guarida em folhas nossas. Entretanto, de tal modo se acha viciado o gosto publico, que muitos são os trabalhadores que preferem a apparencia berrante dos grandes titulos e sub-titulos encabeçando parvoices ou falsidades. Quando se publicava a VOZ DO POVO, frequentes eram as queixas contra o jornal porque nem sempre, a exemplo de tal ou qual folha burgueza, se atulhava uma pagina inteira com o noticiario de grève... Os queixosos não queriam saber si uma simples columna da VOZ DO POVO, sem espalhafato descabido, continha ou não mais substancia que uma pagina de gazeta burgueza com o feitio de cartaz. Não viam que o processo de suggestão pelo bluff, usado e abusado pela gazeta burgueza, visava segundas intenções: a mystificação ou a exploração do movimento.

Nossos jornaes não têm nada com isso. Elles valem e devem valer pela seriedade das informações, e sobretudo pela substancia das idéas pregadas e defendidas. Si o gosto do povo está viciado e estragado, mais uma razão para reeducal-o convenientemente. Contribuir, com a nossa transigencia com os processos burguezes, para um maior viciamento, além de detestavel, seria obra radicalmente contraria aos nossos fins.

E isto não sómente com referencia á feitura dos jornaes. Em muita coisa mais. Iremos apontando, aqui, as observações e considerações varias, que nos forem acudindo, neste sentido...

O commendador Mattos brigou de novo com o Victor Silveira. Este passou lhe a perna pela segunda vez, e o commendador ainda a esta hora está esperneando, tendo recorrido aos tribunaes para castigar as piratarias do outro.

Mas é muito bem feito.

O Victor Silveira, que é o typo acabado do jornalista moderno, de penna e unhas afiadissimas, encheu-se, da primeira vez que teve a «Razão» nas mãos. Brigaram os dois, e o Victor sahiu, fundando depois a «Boa Noite», em cujo primeiro numero disse cobras e lagartos do commendador.

Este, passados uns tempos, tornou a entregar a «Razão» ao Victor. Como da primeira vez, Victor tratou de encher-se.

Agora brigam de novo.

Mas é muito bem feito. O Victor Silveira afinal, é que não tem culpa da burrice do Mattos. Lá diz o ditado: quem é burro peça a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.

Mais um habeas-corpus para um operario expulso

Outro caso que serve de documentação para se avaliar as arbitrariedades commettidas pela policia de S. Paulo, é o do operario João Baptista Minieri que foi expulso o anno passado.

Impetrada uma ordem de habeas-corpus, o Supremo Tribunal Federal a converteu em deligencia para pedir a remessa do processo que fundamentara a sua expulsão. O ministro da justiça enviou copia desse processo allegando que o original estava na policia paulista solicitadora da expulsão.

A policia paulista, propositalmente e com receio de ser desmascarada, se negou a enviar o original do processo. O Supremo em vista disso em sua reunião do 16 do corrente concedeu o habeas-corpus pedido para permittir que o operario Minieri volte ao territorio nacional quando quizer.

Parlamentarismo

O parlamentarismo é o egoismo elevado á categoria de systema. Segundo a ficção, o deputado despoja-se da individualidade para se fundir com um ser colectivo impessoal, por intermédio do qual os eleitores pensam e falam, querem e procedem; mas, na realidade, os eleitores são que se despojam, pelo acto eleitoral, de todos os seus direitos em prol do deputado, em cujo favor reverte todo o poder perdido pelo eleitor. Na apresentação do programa, nos discursos com que procura captar os votos dos eleitores, o deputado mostra-se muito convencido da ficção parlamentar: nessas occasiões, o candidato a deputado proclama que só deve tratar-se dos interesses publicos que só ha-de trabalhar pelo bem geral a que tanto se ha-de consagrar que, de boamente, se esquecerá de si e dos seus interesses em proveito do povo.

Mas tudo isso não passa de palavras e fórmulas, que o mais ingenuo e complascente dos eleitores já difficilmente toma a sério. O que são, na realidade, para um deputado, o interesse geral e o bem publico? Pura comédia, pois que o deputado o que quer é trepar, servindo-lhe o eleitor de degrau. Trabalhar para o povo? Nem o deputado tem mais o que fazer! O povo é que tem obrigação de trabalhar por elle, que lhe dá a honra de o representar no parlamento.

Deu-se aos eleitores o nome generico de gado para votos, e devemos confessar que esta denominação metafórica é admiravel de precisão e justiça. O parlamentarismo cria condições perfeitamente analogas ás dos tempos patriarcais. Os deputados occupam hoje a situação dos patriarcas doutrora, o seu poder baseia-se na riqueza constituida pela posse de grandes rebanhos. A differença está apenas em que os rebanhos já se não compõe hoje de verdadeiro gado, mas de gado metafórico, que no dia das eleições vai deitar a listazinha na urna. Rabagas devia, certamente, ser uma caricatura e uma sátira: mas parece-me bem que é um typo real. Não causa espanto nem desperta o riso, o facto de Rabagas o grande revolucionario politico, tendo alcançado o poder com o apoio do povo, emprega contra o povo exactamente os mesmos processos de opressão e de governo que, em seus incendiarios discursos, apontava como crimes atrozes dos ministros que o precederam. Semelhante reviravolta afigura-se nos natural e logica. O politico apenas tem por objecto, nos seus actos a satisfação do proprio egoismo e, para satisfazel'o, tem de alcançar o apoio da multidão. Ora este só se obtem a custa de promessas e das tradicionaes «bombas» de effeito nos discursos que os politicos declamam tão maquinalmente, como qualquer mendigo, em suas plangentes lamúrias, reza o «Padre nosso». O politico sujeita-se, sem hesitar sequer um momento, a esta praxe. Quando os eleitores lhe conferem o ambicionado diploma o seu amor proprio sente-se satisfeito e a multidão desapparece-lhe completamente da vista e do pensamento, até ao momento de se julgar ameaçado de lhe ser tirado o poder pelo qual tanto se esforçou. Neste momento fará tudo que necessario seja para conservar o predomio que gosa, como já para o adquirir fizera tudo quanto os eleitores capricharam em exigir-lhe. Conforme as circumstancias da situação, o politico abrirá novamente o «saco das promessas, das «bombas» de effeito, ou ameaçará, de punho, fechado, os que ousarem censural-o. A toda esta concatenação de premissas e consequencias logicas é que se dá o nome de parlamentarismo.

Max Nordau

O MOMENTO INTERNACIONAL

EUROPA

HESPANHA

A reação na Hespanha

A Espanha monarquica, reaccionaria e jesuitica, nunca deixou de estar em foco. Como a Russia dos ominosos tempos de Nicolau II, esse país sempre teve por norma perseguir encarcerar, torturar e fusilar os trabalhadores indefesos, esses trabalhadores que, fartos de sofrimentos e miserias, sairam um dia á praça publica a reclamar mais um bocado de pão e mais um pouco de liberdade.

A historia de todos os governantes espanhois, é, assim, uma historia negra, uma historia tragica, uma historia sinistra, cujas paginas escorrem sangue e respiram odios e rancores. O seu objectivo atraves de todas as vicissitudes e emergencias, é o de assegurar o predominio absoluto da corôa submetendo tudo e todos á vontade imperiosa e megalomaniaca das altas esferas e dos grandes potentados.

Alcalá-del-Valle, Montjuich Zamora, Cunillera, Rio Tinto, etc., etc., ahi estão a atestar, como um ferrete de ignominia, as podridões dum regime civilisado pela orgia, delirante pelo alcool, apodrecido pela crapula, vencido pela demencia!

Ora um regime desta natureza não se sustenta, não se póde sustentar, pela persuasão, nem pela tolerancia. Sustenta-se, sim, pela pela violencia estupida e brutal dos canhões e das baionetas, por essa violencia ignominiosa e infame da delação. E quando estas excrescencias dos Estados são tomadas á conta de virtudes, os direitos e as garantias individuais consignados nas tão decantadas «Constituições» passam a ser letra morta, para darem logar aos intuitos maquiavelicos, ao arbitrio, á torpeza, á proterv ia, á bandalheira.

Actualmente, por toda a Espanha se notam os fructos dessa bambochata governativa. Os gritos lancinantes das victimas innocentes que sofrem o peso bruto das instituições atroam os ares. Essas vitimas não são as dezenas — são as centenas, são aos milhares. E sobre o seu corpo esqueletico, macerado pela dor, os burgueses, os capitalistas, numa palavra, as classes privilegiadas, tripudiam á vontade — tem uma força armada a guardar-lhe as costas!

Das maquinações da policia, quase que nem vale a pena falar. Ellas constituem o prato obrigatorio de todas as infamias. De manhã á noite, naquelles meandros negros, pavorosos, orripilantes, só se pensa em inventar patifarias para perseguir, enxovalhar, torturar a classe proletaria. Os *somatenes* as *bandas* os mascarados, os tiros misteriosos, não são senão a consequencia fatal do odio que teem os ricos aos proletarios.

E como tudo isso ainda não fosse o sufficiente para satisfaser a cubiça dos avaros, dos parasitas, constituiram ha tempos uma brigada policial, com os criminosos de delito commum com os criminosos da peior especies, no dizer duma gazeta independente. Esta brigada policial tem por missão especialissima liquidar alguns patrões attribuindo, depois, os crimes aos operarios!

A obra desta brigada tem-se afirmado largamente. Nas terras onde ha um movimento operario bem organizado, onde ha uma consciencia de classe proletaria, ahi aparece essa brigada a fazer das *suas*. Mas, em Barcelona, é onde ella se afirma com mais intensidade. A prova, é que as prisões estão cheias de detidos; o terror não tem classificação; e a atmosfera de suspeições, é asfixiante.

Por noticias particulares, que reputo verídicas, acabo de saber o seguinte: quando em Barcelona, como de resto em todas as terras de Espanha, pensam em se livrar dalguns operarios conscientes, prendem-nos e encerram-nos nas masmorras infectas. Dentro de dias, verifica-se um attentado: cai um patrão, uma autoridade sofre uma leve beliscadura ou rebenta um petardo. O governador ordena, então a liberdade das vitimas. Mas como o acto, na opinião dos conservadores do existente, reclama vingança, a brigada policial prepara-se e dá cabo de cinco operarios. E' a ordem, a ordem expressa vinda do alto:

Por cada patrão que morra, por cada autoridade que seja atacada, ou cada petardo que rebente matam-se cinco operarios!!!

E a ordem tem sido cumprida a risca.

Os jornaes não falam della. Embora a conheçam em todos os seus permenores, reduzem-se ao silencio — teem medo. O facto brutalissimo, indigno do seculo em que vivemos é porem, verdadeiro e não admitte duvidas. Na Espanha assassinam-se friamente, calculadamente, os operarios, como culpados de actos que a policia comete no interesse da monarquia.

Operarios de todos os paizes! Protestai energicamente contra esta infamia! Vêde — os vossos irmãos espanhois suportam, neste momento, o peso de todas as canalhices dos seus verdugos. Sêde solidarios com elles, dignificando assim a classe a que pertenceis.

ALFREDO GUERRA.

Os mineiros

As Empresas mineiras espanholas, não querem ceder aos seus operarios nem mais um ceitil. O argumento principal em que se fundamentam, é o de que não podem; que o trabalho não lhes dá grandes lucros; que estão quase a falir. Ora os proletarios não se fiam nessas cantigas. Trabalham, arriscam a vida naquelles buracos negros, cheios de infratuosidades por isso exigem um salario mais compensador. Estão no seu direito. E ninguem lhes pode levar a mal o seu procedimento, a não ser os bichos patriotas, os sangues-sugas capitalistas e os camarades do jornalismo.

Para demonstrar a sem razão das Empresas, ou dos seus representantes ahi vão alguns numeros:

«A Carbonara espanhola deu, de dividendo a cada acção privilegiada, 85 pesetas; a cada acção ordinaria da 1a. Serie, 6 65; ás da 2a. Serie, 40. A Companhia de Berga, deu, de dividendo, 85 pesetas a cada acção, privilegiada ou ordinaria. A carbonifera, dos Ebro, deu 35 pesetas a cada acção; a Hulheira espanhola, deu 100 pesetas, pois teve de lucros liquidos 2.038.7?6 pesetas; a Companhia de Minas do Priorato, deu 25 pesetas; a Unao Hulheira deu 750; a Companhia de Minas e Chumbos da Serra de Lujar, deu 575 pesetas (191 66 por cento! a Compadhia do Carvão de Nueva, deu 125 pesetas (por cento!) a Espanhola do Rif deu 100 (10 por cento); a Providencia, deu 20; a Companhia de Minas de Castilla la Vieja y Jaén, deu 30; a Companhia los Guindo, deu 75,80 (30,40 por cento)! Minas Complemento, 10; Sabaro e Anejas, 65 (13 por cento; Mina Celerina, 50, Iruneesaca, 20; e Minera de Dicido, 30 (6 por cento)».

E no dizer dos defensores destas Empresas, o seu estado é tão precario, que o valor dos seus titulos negociaveis na Bolsa, era calculado, em 1914, em 11 milhões de pesetas. E hoje, o valor desses titulos é avaliado em 361 milhões! Isto é, as companhias estão na *decadencia*, quando se trata de reclamações operarias; mas o valor do seu papel negociavel augmenta constantemente de preço! Em seis annos augmentou 250 milhões!!!

E ainda teem a suprema coragem de negar a quem trabalha mais uma fatia de pão. Torna-se necessario cortar a cabeça ao monstro insaciavel — o Capital...

RUSSIA

Um protesto dos sabios russos

O *Trud*, orgão dos Conselhos de Sindicatos de Petrogrado, publica o seguinte protesto do professor N. Kamenshtchikov contra o bloqueio intelectual infligido á Russia pela *Entente*:

«Se as descobertas que se têm feito no dominio das sciencias sociais parecem perigosas aos Aliados e capazes de infectar a Europa de bolxevismo nós perguntamos aos mesmos Aliados: em que é que as descobertas dos astrónomos, dos matemáticos, dos fisicos, dos metereologistas, dos quimicos e dos que os sábios podem prejudicar a civilisação europeia? Porque é que nos proibem que submetamos ao exame do resto do mundo as descobertas de importancia internacional que têm feito os nossos sábios? Porque é que não nos remettem os instrumentos e acessórios scientificos que nós lhes encomendamos muito antes do bloqueio? Emfim, porque é que a *Entente*, que acusa á Russia dos Sovietes de violadora das leis internacionais, viola tambem as decisões dos congressos internacionais da sciencia que pedem a continuação das relações scientificas e uma troca completa dos resultados obtidos pela sciencia em todos os paises do mundo? Ora a *Entente* opõe-se a que entrem na Russia todas as revistas, todos os livros, todos os boletins e todos os relatorios scientificos.

Para dar uma idea dos prejuizos que esse estupido bloqueio causa á sciencia, aqui vão alguns factos edificantes:

No dia 1 de Setembro de 1919 o sabio Selivanov descobriu um novo cometa na constelação do Celéo. No dia 3 enviou, pela estação radiotelegrafica de Tsarkoe Selo, um communicado ao mundo inteiro, em russo, em alemão, em francez e em inglez. Não sabemos se a censura da *Entente* deixou passar esta mensagem como não sabemos se o cometa em questão foi observado por outros astronómos.

Durante o ultimo movimento do planeta Marte, em 1920, o observatório de Pulkov descobriu, no dia 9 de Maio, uma nuvem cerrada que circundava esse planeta. A nuvem era tão expressa que encobriu todas as particularidades geralmente visiveis. A nosso ver, a nuvem indicava uma violenta tempestade que se tinha desencadeado sobre Marte.

No mesmo observatório, o nosso celebre astro-fisico, Kostinski, conseguiu pela primeira vez na historia scientifica tirar uma fotografia dos satelites de Urano. Este facto é duma grande importancia, porque, doravante, servirá de base para todas as verificações do movimento das satelites dos planetas.

A estação sismografica da nossaa academia de sciencias, registou, no dia 3 de junho, um tremor de terra em Alaska e no norte do Japão. Desta forma os nossos sismógrafos rompem o bloqueio, registando um facto que se passou a milhares de leguas de distancia!...

Antes do bloqueio, o observatório de Plukov fez a Inglaterra uma grande encommenda de aparelhos astronomicos. Esses aparelhos chegaram a ser levados para bordo dum navio, afim de nos serem entregues; mas os imperialistas inglezes, civilisados e progressivos, mandaram nos desembarcar e ficaram com elles.

Para este ano de 1921, os nossos observatórios possuem apenas um anuario. O ano passado tinhamos dois para toda a Russia: um em Plukov e outro em Moscovia. O observatório de Kazan viu-se na necessidade de copiar um desses anuários — um volume de 500 paginas.

Destarte, somos obrigados a restringir os nossos trabalhos de observação: falta-nos tudo, até as chapas fotograficas. Com isso, perderá muito a fotografia astronómica. Mas os aliados querem assim... Tambem seremos forçados a paralisar os nossos sismógrafos, o que é pena, visto que possuimos alguns aparelhos que se podem contar entre os mais sensiveis do mundo.

ALLEMANHA

O fim da greve geral

Os communicados officiaes da frente interior — da luta de classe — são tão falsos como os da frente exterior.

Lendo os jornaes burguezes mais ou menos officiosos, e sempre custeados pelo capitalismo, podia suppôr-se que o ultimo levante communista na Allemanha fôra um completo fiasco.

E' inexacto. A *Rothe Fahne*, que reappareceu, publica um longo manifesto do Comité Director do Partido Communista Unificado. Lamentamos não poder publical-o *in-extenso*. Mas eis o essencial:

«Os brutos da ordem triumpham. A gréve foi esmagada.

Centenas de proletarios foram assassinados. Os perseguidos contam-se aos milhares.

E' o triumpho da burguezia insaciavel.

Bellos dias esperam os vampiros sugadores do trabalho alheio.

A parte da classe operaria manobrada pelos socialistas majoritarios e independentes ainda está no periodo de hesitação.

Ha um anno, os proletarios repelliram os partidarios de Kapp, substituindo-os pelos Ebert e Noske, sedentos de sangue operario. Salvaram estes ultimos. E quaes foram os resultados?

A provocação á classe operaria por um de seus chefes, Hœrsing, com o objectivo de esmagar o Saxe vermelho.

O governo necessitava de um argumento para justificar, perante a Entente, a existencia da *orgesch*, policia armada da reacção capitalista.

Os Scheidemann e os Hilferding declararam guerra aos trabalhadores, accusando a Moscou de provocar massacres.

O dever dos communistas era chamar os operarios á luta. O momento era favoravel.

A burguezia allemã atravessa uma crise terrivel. Ao envez de tirar proveito dessa crise, os chefes majoritarios e independentes apunhalaram o proletariado pelas costas.

Elles acceitaram as theses das classes dominantes, tal como fizeram durante a guerra.

Mentiram á classe operaria.

Com attentados individuaes preparados pela policia, procurou-se provocar um estado de espirito *progomista*, excitando as massas contra os communistas.

Os *Vorwaerts* e a *Freiheit* collaboraram nessa obra.

Como durante a guerra, esses chefes desempenharam um papel contra-revolucionario.

Estabeleceu-se uma especie de divisão de trabalho, Ludendorff organisou os bandos reaccionarios da Orgesch; os majoritarios Severing e Hœrsing militarisaram os operarios; Hilferding e Dittmann combateram furiosamente os communistas, denunciando-os como criminosos.

Tão altos feitos merecem collocar-se ao lado da abdicação dos Conselhos de Operarios após a Revolução de novembro, nas mãos das classes dominantes e seus governos, abdicação que preparou o regimen sanguinario d. Noske.

Os independentes, depois de Halle, cairam nos braços dos majoritarios.

Isolados, os communistas não podem vencer, na Revolução mundial. O Partido Communista Unificado provou sua vontade de combater. Um milhão e meio a dous milhões de proletarios attenderam ao appello do Partido Communista.

Elles foram honrosamente esmagados sob o peso do bloco Westarp-Hilferding.

Tanta mais temia a reacção diante dos communistas, quanto mais se encarniça agora em sua obra de perseguição.

Apezar da derrota, os communistas sentem-se orgulhosos de terem combatido.

A situação se torna cada vez mais tragica. Os operarios do campo, na Prussia oriental, na Pomerania, na Silesia se acham em vesperas de nova batalha.

A Entente aggrava a situação com a sua politica de sancções. Não ha sahida. A derrocada do regimen é fatal.

Os proletarios estão aguerridos pela luta, e tirarão proveito das faltas commettidas.

Os partidarios dos majoritarios e dos independentes abriram os olhos sob os golpes da Reacção.

Após a batalha perdida, nós averiguamos que a situação demanda novos combates».

O appello se dirige aos operarios ainda aderentes ao Partido Social-Democrata e ao Partido Independente, e concita-os a combaterem os fracos e traidores e a formar um só bloco revolucionario.

Esperemos que esta linguagem mascula e honesta seja attendida.

CHARLES RAPPOPORT.

AUSTRIA

A «civilisação» dos victoriosos

G. H. M. Handyman, enviou a um jornal a seguinte carta: «Caro senhor: — Deve interessar aos seus leitores o saber que o governo francez está encontrando a situação na Austria extremamente vantajosa. A despeito dos gritos de odio em Paris, o ministerio da guerra abriu em Viena um escriptorio de recrutamento para a Legião Extrangeira. Levados pela fome, numerosos «inimigos» austriacos são forçados a alistar-se e a beijar a mão dos que lhes têm esfomeado as mulheres e os filhos».

Para fingir atenuar os hediondos crimes que na Austria estão perpetrando, os alliados enviaram alli uma commissão de reparação cujo primeiro cuidado foi o installar-se em magnificas residencias, bamboleando-se em luxuosa vida que é uma insolente crueldade no meio dos atrozes sofrimentos do povo.

A Austria tem tambem as suas industrias paralizadas, principalmente porque os alliados lhe sorripiam as minas de carvão. A sua esquadra que foi reduzida a favor do vencedor grupo imperialista, agora consta apenas de tres barcos pequenos para patrulhar o Danubio e são *vigiados* por uma commissão de oito vice-almirantes dos alliados, a quem os desgraçados ainda têm que sustentar.

Ao mesmo tempo que esta tyrannia e esta exploração cruel se exerce sobre um povo arruinado e faminto, cujas creanças andrajosas morrem aos centos por semana, os alliados acham oportuno empregar as tropas de occupação para massacrar selvaticamente os indefezos judeus.

Simplesmente de uma hediondez revoltante, a obra dos militares que ousam fallar em civilisação!

ITALIA

O congresso anarchista de Bolonha

No Congresso anarquista de Bolonha foi aprovado por unanimidade o o seguinte documento, que é bom que todos os nossos camaradas o conheçam:

«O Congresso declara-se francamente favoravel a idea de um accordo anarquista internacional, como o que foi aprovado em Amsterdam, em 1907 sob a designação de Internacional Anarquista. Assim resolve que a U. A. I. (União Anarquista italiana) estude o meio de estabelecer relações com os camaradas dos outros paises, afim de se realizar, quando as circumstancias o permitirem, um congresso internacional, que lance as bases dum poderoso organismo, cuja finalidade seja esta: o triumpho do comunismo-libertário em todo o mundo.

AMENIDADES

A illustre horda clerical dos condes papalinos, e outros não menos conspicuos papahostias, teve uma idéa, que eu acho, em principio, simplesmente genial. Consiste essa idéa na erecção de uma estatua do Sr. Jesus Christo, por occasião do centenario da independencia. Erecção num dos cocorutos das montanhas que dominam a cidade: Pão de Assucar, Corcovado ou Tijuca. Parece que ha divergencia na escolha do cocoruto. Uns opinam pelo Pão de Assucar, outros por este ou aquelle cume. Concordando em principio com a genial idéa como já disse, embora radicalmente afastado das fileiras do beaterio christão, eu divirjo tambem no tocante é escolha do local para a erecção do monumento. Sérias e meditadas razões me levam a não acceitar o alto de uma montanha como o ponto mais proprio para supportar o peso do novo suplicio. O facto da primeira crucificação de Jesus, o Christo — como o chama o commendador Mattos — se ter verificado em riba de uma collina, não quer dizer nada. E' um precedente demasiado velho para fazer-se valer ainda hoje, a quasi dois mil annos de distancia. Em summa, eu entendo que a projectada crucificação deve ser levada a cabo não no alto do Pão de Assucar ou do Corcovado, mas antes numa amplissima esplanada. Seria excellente a explanada resultante do arrasamento do Castello. — Mas porque uma explanada? Eu já explico. No anno 33 foi o Sr. Jesus crucificado, no alto do Golgotha, entre *dois* ladrões. Ora, nesse anno de 1922, terá logicamente o Christo de ser crucificado não apenas entre *dois* ladrões, mas entre pelo menos *dois mil* ladrões. E só uma amplissima explanada poderá conter tão numerosa e illustre companhia...

Tristão

A Justiça Divina

Existe a justiça divina?

Eis uma pergunta a que costumam responder com categoricas affirmativas os que crêem na providencial existencia dum Deus todo poderoso, bom, sem limites e infallivelmente justiceiro.

Claro está que, para se admittir uma *justiça divina*, é imprescindivel acceitar como inconcussa a existencia da divindade omnipotente, da qual deva emanar previdente justiça, pois a justiça divina é um *effeito* derivado—ou que devia derivar—da *causa divindade*. Succede, porém, que, com as suas grandes torpezas e miserias commerciaes, os que vivem fingindo crer em Deus e temer as destemperanças da sua divina justiça inilludivel, de tal modo *kumanisaram as cousas sobrenaturaes* que, convertidas em lucrativos negocios os *assumptos do céo* em nada ou em bem pouco, se diferencia o *celestial tribunal divino* dos corruptos tribunaes terrestres.

A justiça divina vende-se e as sentenças do todo poderoso, sentenças que, sendo infallivelmente justas, deveriam ser tidas como inappellaveis, alteram-se segundo o bel-prazer dos vozeadores ecclesiasticos.

Deus, no dizer dos seus fieis adoradores, é um ser que tudo sabe—omnisciente, um juiz clementissimo e hondoso e sem igual; a sua justiça é a justiça suprema de infallibilidade invulneravel, a unica verdadeira. E não obstante isto, apezar de reconhecerem a indeclinavel justiça em que se inspiram as sentenças do chamado e unicamente Altissimo, os seus candidos adoradores, verdadeiras pombas sem fel, caem no erro sacrilego de pretender, com as suas rezas, supplicas e exortações, *inclinando a balança da justiça celestial*, conseguindo que o Deus invulneravel, o juiz preclarissimo, o supremo juiz que não póde enganar nem ser enganado, o juiz clarividente e ubiquo que lê no mais recondito do coração humano, que sabe mais do que todos, que não precisa de lições de ninguem e que jamais deve abrandar-se ante supplicas nem rogos, porque elle é, segundo se affirma, a synthese sublime de todo o amor e de toda a bondade; procurrm, repetimos, apezar de reconhecerem a suprema justiça entranhada nos julgamentos do todo poderoso, que Deus destrúa os divinos attributos da sua propria omnipotencia *dizendo-se* como qualquer mortal fallivel, isto é, *cassando* as sentenças justa e sabiamente pronunciadas e retirando as penas impostas aos profanadores da sua divina lei, mediante a acceitação agradecida de certas cerimonias verificadas em seu obsequio e para desaggravo da sua divina magestade offendida pela pratica do peccado...

A incoherencia não póde ser mais comprehensivel.

Crêem num Deus justo e misericordioso; e equiparando-o grosseiramente aos juiz da terra, tentam a revogação das suas determinações indeclinaveis, subornando a sua infallibilidade justiceira com orações pagas e buscando o apoio dos santos e das virgens para que intercedam a favor do *divino suborno*...

Deus—dizem é indiscutivelmente justo; é infallivel e misericordioso: logo os julgamentos inspirados na sublimidade da sua sabia justiça não podem ser *cassados* nem *suspensos*, pois não são erroneos nem crueis, nem parciaes.

Se, com orações e supplicas, mais ou menos ferventes e sinceras se procura fazer desistir o juiz todo-poderoso das suas determinações, é porque não se está satisfeito com a rectidão de sua justiça, e porque se nega implicitamente a infallibilidade, é porque se lhe attribue demasiada severidade; e isto, naturalmente, suppõe a negação de Deus.

A tal conclusão chegam, sem o notar, todos os que pedem ao seu Deus—budhistas mahometanos, catholicos ou protestantes—a remição dos castigos da ultratumba.

....

Os atheus impenitentes, no caso de estarem equivocados e de resultarem certas as *crenças ideaes num mais-além de vida espiritual e eterna*, terão mais direito a gosar a felicidade celestial do que os crentes, porque jamais incorreram no insensato sacrilegio de pretender que os *julgamentos da divina justiça* se moderem ou annullem ao seu bel-prazer, nem cairem na infame tentação de *subornar* o *insubornavel*....

A justiça divina, justiça que se vende e se falseia, mandando dizer *missas* em suffragio da *alma peccadora*, comprando *indulgencias remissoras* e *santas benções* pontificiaes; essa justiça celeste que se torce conforme convém aos interesses mundanos do agio sacerdotal, é afinal o espelho magico habilmente utilisado pelos religiosos profissionaes na caça das numerosas cotovias, afim de continuarem a ser os omnipotentes avassaladores dos destinos do mundo...

A razão é obvia e o jogo descobre-se facilmente. Se a justiça divina fosse inevitavel, e não houvesse meio de *cassar* e *remitir* os julgamentos do Deus-juiz como se faz aos dos *juizes homens*, que haviam de comer, então, os reverendos clerigos e sobre quem haviam de assentar o seu bel-prazer e opulencia os aureos mitrados!

Bemdita seja, pois, a *incorruptivel* justiça divino-clerical que a tão lucrativos commercios e pingues chantages se presta!... Bemdita seja uma e mil vezes! Se não fosse ella, os padres, os bispos e os cardeaes morreriam á fome...

DONATO LUBEN.

Combatamos o analphabetismo!

Uma iniciativa da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

No louvavel intuito de instruir as classes obreiras a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro tomou a nobre iniciativa da creação immediata de escolas, por comprehender que um povo só é grande quando instruido.

Diante desta verdade, a Federação entendeu aconselhar os trabalhadores a frequentar as referidas escolas, meio unico de concorrer para a emancipação productora. Sabemos sobejamente que orçam infelizmente a 80 % o numero de analphabetos no Brasil. Pois bem, as Escolas Operarias virão attenuar este grande mal senão debelal-o por completo.

Trabalhadores, rumo á escola.

A ociosidade só é um vicio para os pobres; para os ricos, nada os parasitas e para o explorador, representa attributo de uma indole superior e o signal caracteristico da sua elevada posição. — MAX NORDAN.

Movimento Operario

A greve dos maritimos

Achamos opportunos uns commentarios relativamente a greve insolucionada dos maritimos.

Taxamol-a de insolucionada porque, ainda, não houve solução possivel victoriosa ou pelo menos um accordo que viesse satisfazer as reinvindicações dos grevistas.

Entre as organismos associativos em luta contra a exploração dos armadores, se encontra a Associação dos Marinheiros e Remadores. Esta associação de classe que era umas das componentes da Federação Maritima, foi a que juntamente com o Syndicato dos Taifeiros se lançou na greve inicial pleiteando melhorias justas e indispensaveis. Os marinheiros e remadores solidarizados com os seus companheiros da taifa, apezar da resistencia dos armadores e das arremettidas policiaes, conseguiram, com admiravel galhardia, se manter, por muito tempo, no terreno da acção directa, dispensando a ajuda sempre capciosa e enganadora dos intermediarios. Pleiteando as mesmas reivindicações entraram os foguistas e machinistas na luta.

Nada conseguiram. Na mesma inflexibilidade permaneceram os armadores. Veio, então, o desastre. Os marinheiros e remadores, isto é, os que aindam estão ligados a theoria de compaixão ao capitalismo ventrudo e os seus agentes politicos, resolveram abandonar a attitude honrosa que vinham mantendo. Os «vermelhos» que sustentavam e influiam a classe para que ella continuasse, em defesa e resistencia, na acção directa, foram victimas dos conchavos dos bastidores e se viram d'um momento para outro, abandonados. Predominaram então os *amarellos* que enganavam a classe, prometendo a solução rapida da greve.

Chegavam até a declarar que os *vermelhos* eram os que concorriam para que a greve não resultasse victoriosa.. Marinheiros e remadores uniram-se, após, aos foguistas e combinaram solucionar a greve pela interferencia dos intermediarios.

Realisaram uma sessão solemnissima para receber o intermediario escolhido, o sr. Afranio de Mello Franco e outras personalidades duvidosas do jornalismo burguez até então desfavoraveis as reivindicações dos maritimos. O sr. Afranio de Mello Franco, deu um praso para as negociações com os armadores.

Os representantes dos marinheiros e remadores foram mais alem. Approvaram uma moção de confiança ao Presidente da Republica!

E, ahi, ficou solucionado o caso dos maritimos. O Sr. Afranio de Mello Franco, esgottado o praso, não deu signal de vida...

E começam, agora, os maritimos atinar com a velhacaria, pois, foram victimas dum formidavel logro. O desfechose evidenciou tal qual previramos.

O sr. Afranio de Mello Franco é um politiqueiro, um burguez armoriado, um *cavador* de situações e que em nada, se pode interessar em beneficio das reivindicações das classes maritimas.

A quem cabe agora a responsabilidade do mallogro? Como os *amarellos* descalçarão as botas?

Já é tempo das classes maritimas, com esses exemplos, firmar com energia uma orientação solida, uma orientação verdadeiramente proletaria. A experiencia tem demonstrado a inefiacia dos intermediarios politicos. Para a luta contra o patronato é necessaria uma organisação orientada que vença quando as suas forças permittam ou quando não vençam pelo menos resolvem a sua dignidade.

Estamos bem certos que os maritimos com tão suggestivas experiencias, para o futuro não caiam em semelhante logro e procurem na solidariedade das suas organisações levar avante com energia a obra de emancipação proletaria.

A gratificação da fome aos jornaleiros da E. F. C. do Brasil

Após varios dias de demarches estereis, os trabalhadores da Central do Brasil que pleiteam a chamada gratificação da fome receberam do governo desta Republica a resposta definitiva de que não seriam attendidos nas suas justas e razoaveis reclamações. Ficou, pois, sem solução o caso dos jornaleiros e o governo, como é da praxe burgueza, protelou a pendencia com evasivas capciosas.

Os jornaleiros da Central do Brasil, dessa maneira, se vêm prejudicados e se desenganaram com as improdutivas demarches dos intermediarios. Vem a pello bordar uns commentarios em torno da questão. O governo não attendeu ás reclamações dos jornaleiros porque não quiz.

Ora, a «gratificação da fome» é uma dessas cousas que os senhores burguezes dizem conquistada pelos celebrisados meios legaes, sendo ha tempos apresentada em projecto no parlamento votada e sanccionada pelo poder executivo.

Votada e sanccionada essa "conquista pacifica e legal" até agora, ainda, não foi convenientemente posta em pratica.

Em quasi todas as repartições do Estado os funccionarios esperam a bom esperar a famosa gratificação da fome. Dahi resulta que a gratificação ficou sómente em lei...

Chegou a occasião dos trabalhadores da E. F. do Brasil avaliarem a efficacia das leis burguezas.

Isto é uma experiencia que deve impressionar os trabalhadores da Central do Brasil. Em quasi todos os paizes, é necessario elucidar, os ferroviarios organisados constituem uma força pederosissima que causa temor á burguezia e aos governos. Assim na Italia e na Inglaterra, na Allemanha, etc. As conquistas de salarios são resolvidas pelas organisações da classe ferroviaria, e raramente, fazendo uso directo das forças associativas, os trabalhadores das ferroviarias se vêm, como agora os jornaleiros da Central do Brasil, enganados, ludibriados e prejudicados. O que falta aos trabalhadores das ferroviarias do Brasil, antes de tudo, é uma organisação de classe com uma solida orientação moderna.

Conseguida essa organisação, o governo e as companhias particulares não teriam o desplante de conceder a misericordia de "gratificações de fome", que são uma vergonha humilhante e ainda mais vergonhosas se tornam por não serem cumpridas; os ferroviarios, em defeza dos seus interesses movimentariam a sua força organisada e conseguiriam vencer a resistencia do governo capitalista. Mas até o momento presente os ferroviarios do Brasil ainda não conseguiram duma organisação compativel com as altas aspirações do proletariado moderno.

A sua acção resente-se duma orientação segura. Os ferroviarios do Brasil ainda se acham imbuidos da ideologia burgueza.

Mas, é de esperar, com successivas experiencias de factos, como os de agora, que os ferroviarios brasileiros tomem um rumo novo se organisando solidamente para a defeza dos seus interesses conspurcados pelo capitalismo, formando dessa forma ao lado do proletariado avançado.

Civilisação Christã

Refere o dr. Hutton que, entre os esquimáus do Labrador, não ha crime serio, nem prisão nem policia. O povo é bom, corajoso e abnegado. Quando se declara um mal geralmente por causa de um contacto com os christãos europeus, os esquiamaus tratam logo de o extinguir rapidamente.

Assim a embriaguez fez-se notar em 1907. Varios esquimáus foram alcoolizados por christãos que tinham estabelecido cervejarias e destilarias. O decano do povo, convocou uma assembléa, onde se decidiu abolir o mau habito novo. As lojas de bebidas, bem como as bebidas, foram interdictas pelo propio povo desaparecendo o alcoolismo que os christãos lá pretendiam introduzir.

O que a solidariedade, o communismo, embora primitivo, dos esquimáus, alcançou, não foi ainda obtido por outras populações. Em Xangái e Hongkong, os negociantes europeus nunca empregam chinezes convertidos ao christianismo. Antigamente, a instancias dos missionarios elles davam occupação a esses convertidos; mas, tantas vezes tiveram que se arrepender, que hoje já não querem saber delles para nada. Emquanto, ordinariamente os chinezes são viridicos, fieis, bons trabalhadores e estudiosos, os convertidos, são muito pelo contrario mentirosos, ladrões e descuidados e aversos ao estudo, mesmo á propria leitura.

Estão «esclarecidos pelo christianismo».

Assim o testemunha o viajante allemão C.—«F. Strauss», numa carta que escreveu ao «Truth Seeker».

Com effeito, só pela organização é que os operarios poderão desenvolver a sua potencia de acção. — SCHWITZGUEBEL.